**A VIDA E O ENSINAMENTO DE BUDDHA**

**(1979)**

Swami Paratparananda[[1]](#footnote-1)

A vida das grandes almas é como um farol que ilumina o caminho religioso, pois essas almas são a própria ilustração de seus ensinamentos. Não há uma divergência entre suas ações e suas palavras. É por isso que suas vidas nos impressionam mesmo depois de milhares de anos. A vida espiritual não teria sentido para o homem se não tivesse diante de si aqueles exemplos vivos dos textos das escrituras. Porque podem se encontrar milhares de pessoas para explicar as palavras das escrituras, mas poucos para demonstrá-las com suas próprias vidas, e sem essa demonstração, essa prova tangível, esse testemunho vivo, todas as escrituras permanecerão como literatura antiga, como muitas outras, para o desfrute de intelectuais. Sri Shankaracharia diz: “A eloquência, a fluidez das palavras, a capacidade de comentar textos sagrados, servem como erudição dos estudiosos, para desfrutar, mas não nos levam à liberação.”

Um aspirante à vida espiritual precisa de muita ajuda para manter sua mente em Deus. Você tem que tentar direcionar todos os seus sentidos em direção a Ele, e para isso devemos usar todos os meios possíveis. Sri Ramakrishna aconselhou: “Imagens de santos devem ser mantidas em casa. Sentimentos divinos são despertados através dessas imagens. É verdade que o sentimento espiritual é despertado quando se olha para a imagem de um sadhu. É como lembrar de uma pinha olhando para sua imitação.” Na Índia, o teatro também é usado como meio de lembrar de Deus, representando ali os acontecimentos marcantes das grandes personalidades espirituais ou santos. Sabemos o quanto ficamos impressionados com os espetáculos audiovisuais. O mesmo método foi usado na Índia para despertar o sentimento espiritual. Ouvindo e vendo as representações das vidas dos santos, damos à mente um tema que não a distrai de seu objetivo. Outro meio que está disponível para todo aspirante é o estudo da vida dos grandes mestres espirituais, não para aumentar nosso conhecimento intelectual, mas para servir de guia em nosso caminho, pois o homem está sempre propenso a cometer erros, confundir valores e enganar-se. Refletindo sobre a conduta e comportamento dessas almas elevadas nas diferentes circunstâncias de suas vidas, podemos dar-nos conta de quanto nos desviamos do caminho. Além disso, todos estes meios que mencionamos, ajudam a manter a mente em um único tópico, Deus e como chegar até Ele. Por estes meios fornecemos à mente temas variados, ao qual ela é sempre tão propensa, e ao mesmo tempo nós a impedimos de pensar no mundo objetivo, nos prazeres.

Portanto, embora tenhamos nos referido à vida de Buddha em outras ocasiões, vamos estudar alguns acontecimentos dessa grande e nobre vida.

Buddha nasceu cerca de seis séculos antes de Cristo, herdeiro do reino dos Sakhias, no norte da Índia. Seu pai, Shuddhódana, descobriu seu futuro através de astrólogos e soube que o menino nasceu sob bons signos do zodíaco e que seria imperador de vastas terras se ascendesse ao trono ou renunciaria ao reino, aos confortos e a tudo e se tornaria um grande salvador da humanidade. O rei, como quase todos os pais do mundo, estava ansioso para ver o filho como um monarca poderoso e desde a infância ele o preparou para esse propósito e quando chegou à juventude o cercou de todo tipo de confortos que poderia fornecer: um palácio para o verão e outro para o inverno, com todos os prazeres materiais imagináveis. Além disso, teve muito cuidado em organizar tudo para que nenhum tipo de sofrimento do mundo aparecesse diante de seu filho. O homem se apega com muita tenacidade aos seus bens, parentes e outras coisas, mesmo sabendo que tudo é transitório; portanto é difícil para ele, lhe dói, separar-se deles. Shuddhódana tentou dessa forma manter o filho enredado no mundo; o casou com uma linda princesa com quem Siddhartha - o nome de Buddha antes de sua iluminação - teve um filho. Mas tudo isso, quando chegou a hora, não pode impedi-lo de abandonar o mundo.

Aconteceu que certa vez, Siddhartha, desejando ver o mundo como realmente é, saiu para conhecer a cidade com a permissão do pai, que ordenou aos cidadãos que tivessem cuidado para não deixar cair à vista de seu filho nenhum doente ou idoso, bem como ninguém cremasse nenhum corpo até tarde da noite naquele dia. Por consequência, quando o príncipe partiu em sua carruagem, viu por toda parte apenas cenas agradáveis, os súditos o saudando com alegria, o que o fez muito feliz. Mas de repente aparece na estrada, rastejando para fora de sua cabana, um velho, em farrapos, com a pele enrugada como se estivesse pendurada dos ossos, curvado, desdentado e com olhos remelentos. De um lado carregava uma bengala para apoiar sua forma trêmula e com a outra mão pressionava as costelas de onde sua respiração vinha convulsivamente.

“Pessoas piedosas, deem-me esmolas, pois posso morrer amanhã ou depois de amanhã”, o homem gemeu. Os outros o empurraram de lá, dizendo: “O príncipe está olhando para você, vá para sua cabana.” Mas Siddhartha, que já havia percebido sua presença, disse: “Deixe-o”, e dirigindo-se ao seu cocheiro, perguntou: “Channa, o que é aquela coisa que parece um homem, mas só é parecido, já que é tão curvado, tão miserável, tão horrível? Nascem os homens, assim às vezes? O que ele quis dizer ao gemer ‘Amanhã ou depois eu vou morrer’? Não está recebendo comida suficiente para que os ossos fiquem para fora? Que mal esse desgraçado sofreu?” Respondeu Channa: “Querido Príncipe, este é um homem velho; há sessenta anos teve um formato reto, olhos brilhantes e corpo saudável. Agora os anos roubaram sua seiva, saquearam sua força, vontade e inteligência. A lâmpada não tem mais azeite, a vida que resta é uma faísca que está prestes a apagar-se: assim é a velhice. Por que o senhor está preocupado?” “Mas”, insistiu o príncipe – isso acontecerá com outras pessoas ou com todos, ou é um caso raro?” "Senhor, será assim com todos se viverem tanto tempo.” “Isso vai acontecer comigo, com minha esposa Yashódhara e aos outros se chegarem a essa idade?" “Sim, senhor”, respondeu Channa. “Leve-me de volta para casa, eu vi o que não pensei que veria.” Ele passou a noite inteira acordado pensando naquele triste fenômeno que ataca a todos.

No dia seguinte, ele pediu permissão ao rei para sair incógnito e ver o cotidiano dos cidadãos em sua realidade, dizendo-lhe que se ele, Siddhartha era o mais querido do rei e do reino, por isso deveria conhecer a população, suas alegrias e tristezas, seus costumes e deveres diários. “Voltarei mais feliz aos meus agradáveis ​​jardins, embora não completamente satisfeito." Obtendo permissão do rei, Siddhartha sai com Channa, disfarçado de comerciante, e acompanha o dia a dia das pessoas.

Ele viajou uma boa distância sem nenhum incidente significativo, mas de repente ouviu um gemido pedindo socorro: “Socorro, senhores, levantem-me ou vou morrer antes de chegar em casa!” Um pobre infeliz, cujo corpo atacado por alguma doença, estava caído na beira da estrada e se contorcia de dor, tentou se levantar agarrando-se à folhagem, mas pobre homem, sua força não era suficiente e ele caiu. Ele gritava de dor aguda pedindo ajuda.

Siddhartha correu em sua direção, pegou-o com suas mãos ternas e olhando para ele com carinho e apoiando a cabeça do homem em seu joelho, perguntou: “Irmão, do que você está sofrendo? Por que não consegue se levantar?

Então, voltando-se para seu companheiro, ele disse: “Channa, por que este homem engasga e geme, e suspira de forma tão lastimosa?” O cocheiro respondeu: “Senhor, este homem é atacado por uma doença mortal, consequentemente, o sangue que anteriormente corria em suas veias agora está fervendo, seu coração não funciona tão bem como antes, não tem forças em seus músculos, toda a graça e alegria fugiram dele. É um homem doente. Veja como se contorce de dor. Ele pode morrer em breve, mas não morrerá até que a praga destrua seus nervos. Não é bom que o senhor o segure assim. O mal pode passar para o senhor e atacá-lo.” Mas o príncipe, ainda apoiando e confortando o homem, lhe disse: “E há outros? Pode isso acontecer comigo também?” “Meu bom senhor, isso atinge todos os homens de maneiras diferentes.” “Esses males atacam sem que percebamos?" Siddharta perguntou. Channa respondeu: “Eles chegam deslizando-se como a cobra e como o tigre na floresta, ataca sua presa do seu esconderijo ou como o raio que cai sobre alguns e deixa livres a outros.” “Então todos os homens vivem com medo?” “Isso mesmo, senhor!”

"E ninguém pode dizer: ‘Durmo feliz e saudável esta noite e, portanto, vou me levantar?” “Não, ninguém pode dizer.” “E o fim de todas as dores é um corpo quebrado, uma mente triste e a velhice?” “Isso mesmo, se os homens conseguirem viver tanto tempo.” “O que acontece quando não suportam mais males, ficando cada vez mais velhos?” – “Eles morrem.” – “Eles morrem?” “Sim, no final a morte chega, em qualquer forma, a qualquer hora. Alguns morrem jovens, outros velhos, mas todos têm de morrer. Eis que chega um morto”, disse Channa. Erguendo os olhos, Siddhartha viu alguns homens que iam para a margem do rio carregando um cadáver e outros que o acompanhavam chorando. Eles colocaram o homem morto na pira [funerária] e acenderam o fogo. Logo o corpo estava reduzido a um punhado de cinzas e alguns ossos. “É esse o fim que chega a todos os que vivem?” perguntou Siddharta. “Isso mesmo, saudáveis ​​e doentes, bons e maus, todos morrem. Da morte ninguém se salva.”

Siddhartha começou então a sentir um amor indescritível pelo mundo sofredor, aprisionado na teia da morte e da miséria, de repetidos sofrimentos. Tomando a resolução de procurar uma saída para esse labirinto, voltou ao seu palácio para se despedir de seus entes queridos em silêncio. Naquela noite, quando todos estavam imersos no sono, ele deixou o palácio com a ideia de encontrar uma solução para esse problema da vida e da morte, não só para si mesmo, mas para o mundo inteiro. Abandonou todos os laços mundanos por amor aos seus próprios parentes e a todos seus amigos, conhecidos e desconhecidos.

O buscador da Luz deve começar sua busca abandonando o prazeroso. De acordo com o antigo costume, Buddha adotou a vida de asceta, vestindo-se com uma túnica amarela, e mendigava por comida de casa em casa pelas ruas das cidades. Ele tentou encontrar descanso espiritual na filosofia, mas não obteve muito sucesso. Então ele tentou o método de mortificação. Acompanhado por cinco amigos, retirou-se para um lugar solitário nas matas de Uruvela e ali se dedicou ao jejum e outras mortificações do mais alto grau. Ele também não conseguiu encontrar consolo nisso, porque a Verdade estava tão distante quanto antes. Estava desesperado e um dia quase morre, tendo desmaiado de exaustão e fome. No entanto, a verdade ainda era um problema e a vida era um ponto de interrogação. Depois de seis anos de intensas disciplinas de mortificação, Siddhartha estava convencido do fútil que era esse método. Com o corpo purificado pela abstinência, a mente refinada pela humildade e o coração concentrado devido à solidão, ele começou a meditar e orar. As tentações vieram para distrair a atenção de Siddhartha de seu propósito, mas elas não conseguiram movê-lo de sua determinação. Sentado sob a árvore bodhi, Siddhartha fez este voto: “Ainda que o corpo se seque e os ossos e a carne pereçam na tentativa, este corpo não se moverá daqui até que alcance a suprema Iluminação.” Diz-se que ele passou sete semanas debaixo da árvore e em um de seus estados de meditação, uma nova luz irrompeu em sua mente. O objeto de sua busca já estava em seu poder. Siddartha se transformou em Buddha, o Iluminado.

Para compreender bem os ensinamentos dos grandes salvadores do mundo, precisamos conhecer as tendências da época em que eles pregaram, isto é, os pensamentos predominantes naquela época. Sem entrar em detalhes, podemos concluir que na época de Buddha, as pessoas comumente buscavam através de sacrifícios e outras oferendas ir aos céus, para um mundo de desfrute, gozo. Mortificar o corpo era considerado uma grande austeridade e prevalecia o caos especulativo, cheio de teologias incongruentes. As crenças eram focadas em dogmas e credos. As verdades dos Upanishads não estavam disponíveis para as massas e os eruditos simplesmente as relegaram.

A obra de Buddha foi confrontar as superstições, negando-as e incutir no homem fé em si mesmo. Ninguém pode salvar ninguém, todos têm que trabalhar por conta própria para alcançar a liberação; nem ouro, nem prata, nem sacrifícios de animais inocentes ajudarão o homem em tê-la, foi sua declaração clara. Buddha não ensinou nenhuma nova verdade, mas ele descobriu o que estava escondido do homem comum, as verdades dos Upanishads; colocou ênfase na moral dizendo: “Seja bom e faça o bem.” Sistematizou o sistema moral já existente e deu força por sua própria vida, limpa, compassiva e cheia de ternura.

Através de sua própria experiência espiritual e observação aguçada, descobriu estas quatro verdades: que o sofrimento existe, que tem uma causa, que pode ser suprimido e existe um meio para alcançar [a supressão do sofrimento]. Para muitos parece que a obsessão de Buddha pelo sofrimento é muito exagerada. Sem dúvida, todos têm a liberdade de ter uma opinião diferente, mas é uma verdade inegável de que as coisas que parecem dar felicidade no início, no final se tornam como veneno. Por exemplo, vamos pegar qualquer tipo de desejo: se alguém o satisfaz uma vez, continua a necessitar de sua satisfação repetidamente e não o deixa em paz; mesmo que cumprindo esse desejo tenha sofrimento, tem que satisfazê-lo. E em pouco tempo isso se torna um hábito difícil de arrancar.

Há filósofos que dizem que Buddha colocou demasiada ênfase nesse sofrimento, pintando de preto o que era escuro, e de escuro o que era cinza. Mas devemos lembrar o que Swami Vivekananda diz sobre isso: “Você não deve julgar os profetas da antiguidade com sua cultura de hoje em dia. Você deve, se puder, primeiro compenetrar-se do tempo em que esses profetas viveram, só então você será capaz de compreender sua atitude, não antes”. Na época de Buddha a ênfase estava no desfrute, no gozo, seja na terra ou no céu após a morte. Ele teve que imprimir na mente das pessoas que elas não poderiam escapar dos repetidos nascimentos, sofrimentos e mortes até que o Nirvana, a liberação fosse alcançada, e teve que dizer a verdade sem hesitação.

Nos Upanishads também encontramos um diálogo entre o Rei da Morte e um menino que queria saber a verdade sobre a vida após a morte. Yama, o Rei da Morte, em vez desse conhecimento, lhe oferece tudo o que o menino poderia querer: “Peça-me filhos e netos que viverão cem anos, inúmeros elefantes, cavalos e gado, ouro ilimitado, vastas extensões de terra e você viver tanto quanto queira. Se você acha que algum presente é igual a este, peça-me imensa riqueza e vida eterna; seja o monarca de toda a terra. Te posso conceder tudo o que você deseja. Além disso, olhe todos os desejos impossíveis de cumprir no mundo e ordene-os ao seu gosto. Aceite as donzelas junto com as carruagens celestiais e a música, que são impossíveis de adquirir pelos mortais, e desfrute de tudo isso, mas não insista em conhecer sobre a morte.” O menino que tinha um discernimento aguçado respondeu: “Tudo o que tu me ofereces tem dois dias de existência. Além disso, ó Rei da Morte, esses objetos consomem a energia de todos os sentidos, até mesmo a vida eterna que Tu me prometes é pouco comparada à eternidade, portanto, mantenha a dança e a música contigo.”

Apesar desta insistência no conceito de sofrimento no mundo, não podemos descrever os ensinamentos do Buddha como pessimistas, porque neles vemos o desejo de que façamos o máximo esforço para abandonar todo desejo. Ele nos pede para nos rebelarmos contra o mal e alcançarmos uma vida mais elevada.

Buddha afirma que essa sede é a causa do sofrimento, a sede dos prazeres sensuais, de prosperidade. Os Upanishads também declaram: “O mago é imortal, todo o resto [sua mágica] é mortal.” O eterno imutável é a verdade, liberdade e felicidade; pelo contrário, o mundo de nascimento, envelhecimento e morte estão sujeitos ao sofrimento. Buddha afirma que tudo o que é transitório causa sofrimento e consequentemente, o desejo pelos objetos agradáveis ​​e evanescentes não podem fazer outra coisa senão nos fazer sofrer. O desejo é devido à ignorância da realidade. Considerar o corpo como real é ignorância e por causa disso surgem desejos na mente e os desejos causam o sofrimento.

Estar livre do sofrimento é o objetivo dos ensinamentos de Buddha. A meta da vida moral é livrar-se de todo o mal que penetra a existência. A liberação consiste na aniquilação do nosso ego. Sendo o nirvana a meta suprema, todas as regras de conduta que levam a isso ou para terminar o renascimento são boas, e as opostas, são ruins. O sistema formulado por Buddha para alcançar a redenção do sofrimento está livre dos extremos da satisfação dos desejos, por um lado, e da mortificação, pelo outro. Buddha, depois de seis anos de vida ascética, descobriu que o verdadeiro caminho “não pode ser encontrado por aquele que perdeu suas forças.” Em seu primeiro sermão ele diz: “Há dois extremos que aquele que avança não deve seguir: por um lado, a devoção habitual às paixões, aos prazeres sensoriais e por outro, a devoção habitual à mortificação do corpo, que é dolorosa, ignóbil e inútil. Existe um caminho intermediário descoberto por Tathagata – um caminho que abre os olhos, outorga entendimento, conduz à paz, à visão interior da sabedoria suprema, ao nirvana. Por certo, é o caminho óctuplo Ário, a saber, crença correta, aspiração correta, palavra correta, conduta correta, modo de vida correto, esforço correto, pensamento correto e êxtase correto.”

Buddha deu o primeiro lugar à crença correta, pois nossas ações refletem nossos pensamentos, que estão equivocados então por causa das crenças errôneas. Por exemplo, não nos damos conta que o corpo é perecível, por isso nos apegamos a ele. Para corrigir esses pontos de vista errôneos, precisamos do correto conhecimento, que vem da crença correta. “A aspiração correta consiste no desejo intenso de renúncia; a esperança de viver em amor com todos.” O aspirante à vida elevada abandona a ideia de sua individualidade e trabalha para todo o universo. Essas aspirações devem converter-se em ações, elas devem se manifestar na fala correta, ação correta e modo de vida correto. A fala correta é definida assim: “Abster-se de mentir, abster-se de caluniar, abster-se de linguagem rude e abster-se de conversas frívolas.”

A ação correta é a ação sem motivo egoísta, que leva ao modo de vida correto, livre de mentiras, enganos, fraudes e vãs sutilezas. Até aqui a ênfase tem sido na conduta. Os três últimos caminhos, isto é, esforço correto, pensamento correto e correta tranquilidade são para purificação interna, para remover as causas do sofrimento. O esforço correto consiste em praticar o domínio sobre as paixões, para evitar o surgimento de qualidades prejudiciais. Buddha recomenda os cinco métodos a seguir para se livrar de uma ideia indesejável que a mente persegue persistentemente: 1) ocupar-se de uma boa ideia, 2) tenha em mente o perigo das consequências de permitir a má ideia se transformar em ação, 3) não prestar atenção à má ideia, 4) analisar seus antecedentes e assim anular seu impulso resultante, e 5) restringir a mente com a ajuda do corpo. Mas correto esforço não pode ser separado do pensamento correto. Devemos controlar a mente, que brinca e vagueia, para evitar sua instabilidade, pois diz Buddha: “Dharma, ou religião, ou retidão, depende da mente e a iluminação depende da prática da retidão.”

Buddha não considera todo êxtase necessariamente bom; deve ter o fim correto, que é a aniquilação do desejo. Porque sabia que haviam pessoas que se dedicam às práticas de yoga para adquirir poderes sobrenaturais, que ele alertou não indicarem progresso espiritual e a menos que o desejo seja aniquilado, não se pode ser alcançada a liberação ou nirvana: estar livre de todo sofrimento.

O método acima mencionado que Buddha recomenda para conseguir isso coloca ênfase na vida moral e abnegada. Sem a base moral nenhum edifício espiritual é possível é um fato que Buddha reitera tanto por seus ensinamentos quanto por sua vida. Os Upanishads, antes de Buddha, também enfatizaram isso, dizendo: “Aquele que não se absteve de atos viciosos, dos prazeres sensoriais, que não acalmou a mente e não foi capaz de concentrá-la, não pode conhecer o Atman, pela mera erudição.”

Buddha prescreve algumas regras para adquirir a moralidade. A conduta é boa ou má; a primeira surge da abnegação e se manifesta em atos de amor e compaixão; a segunda está enraizada no egoísmo que produz atos de malícia, vingança e coisas do gênero. Ações resultam boas evitando as dez transgressões, ou seja, as três corporais: homicídio, roubo e adultério; as quatro da fala: mentir, caluniar, insultar e conversar levianamente; e as três da mente: cobiça, ódio e erro. Essas regras implicam uma necessidade de autocontrole em cinco direções diferentes. Eles querem dizer: controle da raiva, o desejo de posses, luxúria, covardia e malevolência. Como resultado o homem conseguirá paz tanto para si como para os outros.

Embora Buddha não tenha falado contra o sistema de castas, ele foi contra todo privilégio. Para ele todos, sem nenhuma exceção, poderiam chegar à liberação desde que tivessem ou desejassem ter as virtudes necessárias. Uma delas é o conhecimento do que é bom; mas este conhecimento não significa aquele obtido pela leitura, nem o do ocultismo, mas o conhecimento cuja base é a moral, e que entra em nosso ser, assombra a alma e é tão querido para nós quanto a nossa própria vida.

Estes são os principais ensinamentos de Buddha, aqueles que pregou por quase quarenta anos viajando pela maior parte da Índia. Teve muitos discípulos monásticos e chefes de família. Swami Vivekananda falando de Buddha diz com grande reverência: “Ele foi o único homem que estava livre de todos os motivos egoístas, quem de si mesmo disse: ‘Buddha significa conhecimento infinito, infinito como o espaço; eu, Gautama, alcancei esse estado; você também o alcançará se esforçar-se por isso.’ Livre de todos os motivos egoístas, ele não queria ir ao céu, nem queria riqueza; ele renunciou ao trono e tudo mais e implorou por sua comida nas ruas da Índia, predicando pelo bem dos homens e animais, com um coração vasto como o oceano. Ele foi o único homem que estava sempre pronto a dar a vida pelos animais, ao acabar com um sacrifício. Certa vez ele disse a um rei: ‘Se o sacrifício de um cordeiro o ajudar a ir para o céu, o sacrifício de um homem o ajudará mais; assim pois sacrifique-me.’ Buddha permanece como a perfeição do tipo ativo e o próprio cume a que chegou mostra-nos que também nós, através do poder do trabalho podemos alcançar a suprema espiritualidade”, conclui Swami Vivekananda.

Que possamos sentir em nossos corações um pouco do imenso amor que Buddha sentiu e derramou sobre o mundo envolto em sofrimento e que a cada dia possamos ser menos egoístas em nossas vidas e assim nos aproximarmos um pouco mais de Deus.

● ● ●

1. Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). [↑](#footnote-ref-1)